

ARTIGOS

Roberto Pereyra, Ph.D.

Diretor da pós-graduação de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho, SP
roberto.pereyra@unasp.edu.br

Resumo: A questão que domina os estudos do NT nas últimas décadas se relaciona com o problema do “Jesus histórico”, expressão que se refere à vida de Yešua de Nazaré desde seu nascimento em Belém até sua execução em Jerusalém. Desde o século XVIII, alguns teólogos, fundados em pressuposições metodológicas naturalistas, promovem a investigação do Jesus histórico a partir da análise historicista. Concluem que os evangelhos não constituem uma fonte histórica objetiva e confiável para conhecer o verdadeiro Jesus da história. Argumentam que estes apresentam material fictício, mítico, teológico, com o propósito de promover a fé cristã, o que resulta um claro problema para a veracidade histórica dos mesmos. Apresenta-se uma síntese desta busca pelo Jesus histórico e provê razões para acreditar no “Jesus histórico”; o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos, o Jesus que realmente existiu na história.

Palavras-chave: “Jesus histórico”, Yešua, fé, evangelhos.



Abstract: The question that dominates the study of the NT in recent decades is related to the problem of “Historical Jesus”, a term that refers to the life Yešua of Nazareth, from his birth in Bethlehem until his execution in Jerusalem. Since the eighteenth century, some theologians, based on naturalistic methodological presuppositions, promote research of the Historical Jesus from the perspective of the historical analysis. They conclude that the Gospels are not historically a reliable source to know the true Jesus of History. They argue that the Gospels present fictitious, mythical and theological material, to promote the Christian faith, which is a clear challenge to the historical veracity of them. The author presents a summary of this quest for the historical Jesus and provides reasons to believe in the “historical Jesus”, the Christ of Faith, the Jesus of the Gospels, the Jesus who actually existed in History.

Keywords: “Historical Jesus”, Yešua, faith, Gospels.



Introdução

O tema que tem ocupado os estudiosos do Novo Testamento nas últimas décadas está relacionado com a questão do “Jesus histórico”, expressão que se refere à vida de Yešua de Nazaré desde seu nascimento em Belém até Sua execução em Jerusalém.¹

A partir do século 18, certos teólogos e eruditos interpretaram a Escritura como documento histórico e não como realmente é, a Palavra de Deus. Conseqüentemente, concluíram que os evangelhos não constituem uma fonte histórica objetiva, segura e confiável para se conhecer ao verdadeiro Jesus da história, o que realmente existiu. Argumentaram que os evangelhos apresentam material fictício, mítico, teológico, com o propósito de promover a fé cristã.

Inicia-se então, a busca para descobrir o real e verdadeiro Jesus, o histórico, o oculto nos evangelhos.² Dessa forma, o problema do Jesus histórico chegou a ser um dos mais importantes e significativos temas em estudo do Novo Testamento.

Sem pretender ser exaustivo, o propósito deste estudo é apresentar uma breve síntese relativa à busca empreendida pelo Jesus histórico e sugerir razões para se crer no “Jesus histórico”; o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos, o Jesus bíblico, o Jesus que realmente existiu na história.

A investigação do “Jesus histórico”

A investigação, ou “*quest*”, do “Jesus histórico” tem três períodos bem definidos de exploração: o “primeiro *quest*”, do começo do século 18 até 1906; o “segundo *quest*”, de 1953 a 1980; e o “terceiro *quest*”, de 1980 até os dias de hoje.³

¹ O nome “Yešua” se refere a uma pessoa que existiu na história. As questões mais importantes sobre este “Jesus histórico” se relacionam com o que se pode conhecer desse “Jesus”, o homem.

² O Jesus “histórico” é reconstruído usando pressupostos metodológicos do método histórico-crítico para construir sua biografia e seu tempo. Estas pressuposições, reitoras no método, não incluem axiomas teológicos ou religiosos. Os historicistas, geralmente, concordam que Jesus foi um mestre judeu que influenciou um grupo pequeno de seguidores galileus. Depois de um tempo, foi crucificado pelos romanos na Palestina, sob o governo de Pôncio Pilatos, prefeito da província da Judéia entre os anos 26 a 36 d.C.



O primeiro quest (século 18 a 1906)

O primeiro “quest” foi originado e desenvolvido por teólogos alemães e franceses, os quais negaram a inspiração da Escritura e a consideraram um documento histórico. Por isso, promoveram a investigação da mesma e do Jesus histórico a partir de análises históricas.

Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), professor de hebraico e idiomas orientais na Alemanha, iniciou a primeira tentativa para encontrar o Jesus histórico com sua obra *Wolfenbttler Fragmente eines Ungenannten* (1774) que decidiu não publicar.⁴

Tendo abandonado o cristianismo, e sendo fortemente influenciado por idéias deístas⁵ e racionalistas da época,⁶ supôs que houve uma diferença radical entre a figura histórica de Jesus e a interpretação da igreja cristã, pressuposto básico na busca posterior do Jesus histórico.

O Jesus real não foi essa pessoa a respeito de quem os Evangelhos informam, já que estes não apresentam história, mas sim exposições teológicas de seus autores. O Jesus histórico “foi um revolucionário judeu que falhou ao tentar estabelecer um reino messiânico terreno”. Em contraste, o Cristo dos evangelhos “foi um engano criado pelos discípulos que

³ M. R. McAteer & M.G. Steinhauser, *The Man in the Scarlet Robe: Two Thousand Years of Searching for Jesus* (United Church Publishing House, 1996), 79.

⁴ Reimarus não publicou seus escritos em vida. Gotthold Lessing (1729-1781), bibliotecário, comprou seus manuscritos depois de sua morte e publicou anonimamente parte destes com o título *Fragments of an Unknown Writer*. Posteriormente, publicou sua obra *Von dem Zeweck Jesu und seiner Jünger*, traduzida para o inglês por George W. Buchanan, *The Goal of Jesus and Disciples* (Leiden: E. J. Brill, 1970). Ver também H. S. Reimarus, *Reimarus, Fragments* (Chico, CA: Scholars Press, 1985, c1970).

⁵ Os deístas rejeitam os eventos sobrenaturais, os milagres, as profecias e tendem a declarar que Deus não intervém na vida humana e nas leis do universo. Interpretam a realidade diante de uma perspectiva naturalista. Consideram que os livros sagrados religiosos não são produtos da revelação e inspiração divina senão de obra humana. Portanto, o deísmo rejeita toda a religião baseada em livros que considera ter a palavra revelada de Deus.

⁶ Tomou as idéias do filósofo Christian Wolff (1679-1754), um racionalista alemão. Em seus estudos da Escrituras, encontrou discrepâncias entre e dentro do Antigo e Novo Testamento. Rejeitou aceitar a Bíblia como palavra revelada e inspirada por Deus.



roubaram o corpo de Jesus na tumba e inventaram as doutrinas da ressurreição e da segunda vinda”.⁷

Para Reimarus, então, o cristianismo havia dado uma ênfase equivocada e incorreta sobre a pessoa de Jesus. Ele foi um simples mestre religioso, não a figura divina dos ensinamentos tradicionais da Igreja.

David Fredrich Strauss (1808-1874) rejeitou a divindade de Cristo. Defendeu a idéia de que seria impossível escrever uma biografia de Jesus pela razão de que os evangelhos só têm fragmentos desarticulados de sua vida.⁸

Ernest Renan (1823-1892), professor de francês, depois de completar algumas escavações arqueológicas no Líbano, iniciou uma série de livros em 1863 intitulados *L'histoire des origines du Christianisme*, onde “desnudou o cristianismo de suas roupas sobrenaturais e apresentou a Jesus como homem, não obstante, um homem incomparável”.⁹

William Wrede (1859-1906) argumentou que o evangelho de Marcos não era uma fonte de informação confiável sobre Jesus. Concluiu que a comunidade cristã criou o conceito de Jesus como Messias depois de sua execução, e que Marcos simplesmente informou tal crença.¹⁰

Alfred Loisy (1857-1940) sustentou que a igreja cristã não foi realmente fundada por Jesus na forma que mais tarde se entendeu. Loisy “desvinculou o Jesus histórico, inconsciente de sua divindade, do Cristo da fé, e viu a comunidade cristã como uma tela entre o crente e o evento”.¹¹

Albert Schweitzer (1875-1965) escreveu *Le secret historique de la vie de Jésus*¹² e *Von Reimarus zu Wrede, Eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*¹³ onde sustentou a idéia de

⁷ J. S. Kselman, ‘Modern New Testament Criticism’, in *The Jesus Jerome Bible Commentary* (London, 1968), II: 8. Ver Albert Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus* (New York: Macmillan, 1968), 13-26; McAteer & Steinhauser, 86.

⁸ David Fredrich Strauss, *The Life of Christ Critically Examined* (London: Chapman Brothers, 1846).

⁹ McAteer & Steinhauser, 88.

¹⁰ William Wrede, *The Messianic Secret* (Cambridge: J. Clarke, 1971).

¹¹ Alfred Loisy, *The Gospel and the Church* (London: Isbister, 1903).

¹² Albert Schweitzer, *Le secret historique de la vie de Jésus* (Paris: Albin Michel, 1967).



que o tema central do ministério de Jesus foi o iminente fim do mundo e o estabelecimento do Reino de Deus. Afirmou que os teólogos anteriores, envolvidos na busca do Jesus histórico, foram como os que olhavam fixamente em um poço bem profundo e viam seu próprio reflexo; seu Jesus era quase uma cópia de si mesmos. Concluiu que Jesus estava equivocados com respeito ao futuro e que sempre será um mistério e um estranho para a humanidade.

Por quase cinco décadas, os teólogos seguiram as conclusões de Schweitzer de que os evangelhos são documentos teológicos e não históricos. Portanto, não contêm informações confiáveis acerca das crenças, ditos, atos e filosofia de Jesus.

Rudolf Bultmann (1884-1976), provavelmente o teólogo neotestamentário de maior influência até o presente, afirmava que a igreja primitiva não estava interessada em uma biografia de Jesus. Declarou que “não podemos agora saber quase nada referente à vida e a personalidade de Jesus, levando em consideração que as fontes cristãs primitivas não demonstram nenhum interesse; além do mais, são grandemente fragmentadas e freqüentemente bem conhecidas”.¹⁴ Concluiu que o “Cristo que é apresentado não é o Jesus histórico, mas sim o Cristo da fé”.¹⁵

De acordo com Bultmann, tendo como base certas considerações críticas das tradições palestinas, a única coisa que se poderia descobrir são os rudimentos da essência da mensagem de Jesus, sua “palavra”. Essa “palavra” está ligada à vinda do reino de Deus, “um evento escatológico milagroso” que deve ser interpretado existencialmente. Em outras palavras, “o reino de Deus é um poder totalmente futuro que determina o presente [...] porque induz o ser humano a uma decisão”.¹⁶

Dessa forma, para alguns intelectuais da época, o *quest* pelo Jesus histórico resultava ineficaz e impossível por carecer de evidências históricas suficientes e confiáveis nos evangelhos.

¹³ Schweitzer, *Von Reimarus zu Wrede, Eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung* (Tübingen: Mohr, 1906).

¹⁴ R. Bultmann, *Jesus and the Word* (London: Scribner, 1958), 8.

¹⁵ R. Bultmann, *The History of the Synoptic Tradition* (Oxford: Blackwell, 1963), 370.

¹⁶ Bultmann, *Jesus and the Word*, 45, 51.

*O segundo quest (1953 a 1980)*

Uma significativa mudança estava gerando o começo da segunda metade do século 20. As primeiras manifestações desta mudança começaram em 1953. Ernst Käsemann, discípulo de Bultmann, em um colóquio na Universidade de Marburg, argumentou que o ceticismo histórico de Bultmann relacionado a Jesus era injustificável e ineficaz e sugeriu reabrir a questão sobre o Jesus histórico.

Mantinha a idéia que algum interesse no Jesus histórico era teologicamente válido já que o Senhor da Igreja não podia ser interpretado completamente como um ser mitológico, desconectado de sua existência histórica. Afirmou que nunca será possível escrever uma biografia de estilo moderno da vida de Jesus. Contudo, indicava que há “continuidade” entre o Jesus da história e o Cristo da fé que poderia ser válida para se ter uma idéia do Jesus histórico.

Assim, Käsemann inicia uma nova etapa conhecida como “a nova busca do Jesus histórico”.¹⁷ É “nova” porque o interesse no Jesus histórico se conecta com os ensinamentos escatológicos de Jesus e a proclamação cristológica da igreja.¹⁸ Entretanto, para encontrar os ensinamentos de Jesus nos evangelhos se requer o uso da Crítica das Formas e outras ferramentas críticas.¹⁹

Günthur Bornkamm interpreta as narrações²⁰ de milagres nos evangelhos como invenções da igreja primitiva, sem fundamento histórico. Afirmava que nem Jesus ou seus discípulos o consideravam como o Messias, conceito originado pela igreja cristã primitiva.²¹

¹⁷ Ver James M. Robinson, *A New Quest of the Historical Jesus*. Studies in Biblical Theology 25 (London: SCM, 1959).

¹⁸ *Ibid.*, 122-123.

¹⁹ Com certeza, sobre a crítica das formas nos evangelhos tem sido de fundamental influência a obra de Rudolf Bultmann (*Geschichte der Synoptischen Tradition* [(Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958, publicada por primeira vez em 1921 e traduzida por John Marsh, *History of the Synoptic Tradition* (Oxford: Blackwell/New York: Harper & Row, 2ª ed. 1968)]).

²⁰ O vocábulo usado no texto de Bornkamm é “story”, o qual, a diferença de “history”, analisa o texto narrativo sincronicamente sem importar se tem relevância na diacronia, ou seja, na realidade.

²¹ Günthur Bornkamm, *Jesus of Nazareth* (New York: Harper, 1960).



A produção de Bornkamm inspirou outras publicações²² das quais emergiram diversas imagens sobre Jesus. Foi visto como o primeiro profeta do judaísmo, fariseu, rabi, zelote, essênio, etc. Ficou comum e repetitivo, em muitas destas obras, encontrarem referência aos evangelhos neotestamentários como “interpretações literárias tardias do ministério de Jesus”; sugestões para “explorar as divergências entre o que o Novo Testamento apresenta e o que é historicamente provável”, ou simplesmente, propostas de que “Jesus jamais existiu”.

Assim se chega à última etapa do processo de busca e descoberta do Jesus histórico, ao terceiro *quest*, começando na década de 80 até os dias atuais; décadas de relevante esforço e de significativos estudos interdisciplinares, teológicos, históricos, arqueológicos, sociológicos, antropológicos e de outras ciências auxiliares na tentativa de encontrar o Jesus que realmente existiu na história.²³

²² Como exemplo, ver Robinson; H. Zahrnt, *The Historical Jesus* (New York: Harper & Row, 1963); J. Peter, *Finding the Historical Jesus* (New York: Harper & Row, 1966); C. F. H. Henry, ed., *Jesus of Nazareth: Savior and Lord* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1966); F. G. Downing, *The Church and Jesus* (Naperville, IL: A. R. Allenson, 1968); F. Hahn, W. Lohff y G. Bornkamnn, *What Can We Know about Jesus?* (Philadelphia, PA: Fortress, 1969); W. G. Kummel, 'Jesus-Forschung seit 1950', *Theologische Rundschau*, 31 (1965-66): 15-46, 289-315; idem. 'Ein Jahrzehnt Jesusforschung (1965-1975)', *Theologische Rundschau*, 40 (1975): 289-336.

²³ É impossível listar todas as fontes sobre o estado atual da questão. Contudo, ver as seguintes: Gerd Theissen, *The Shadow of the Galilean: The Quest of the Historical Jesus in Narrative Form* (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1987); E. P. Sanders, *The Historical Figure of Jesus* (London: Penguin, 1993); Bruce Chilton and Craig Evans (eds.), *Studying the Historical Jesus: Evaluations of the State of Current Research* (New Testament Tools and Studies 19; Leiden: E.J. Brill, 1994); Marcus J. Borg, *Meeting Jesus Again for the First Time: the Historical Jesus and the Heart of Contemporary Faith*, (San Francisco, CA: HarperCollins, 1994); Luke Timothy Johnson, *The Real Jesus: the Misguided Quest for the Historical Jesus and the Truth of the Traditional Gospels* (San Francisco, CA: HarperCollins, 1995); Ian Wilson, *Jesus: The Evidence. The Latest Research and Discoveries* ([San Francisco]: Harper San Francisco, c.1996); C. Stephen Evans, *The Historical Christ and the Jesus of Faith: the Incarnational Narrative as History* (New York: Oxford University Press, 1996); Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the life of Christ* (Joplin, MO: College Press, 1997); Stephen J. Patterson, *The God of Jesus: The Historical Jesus and the Search for Meaning* (Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998); Gerd Theissen and Annette Merz, *The Historical Jesus: A Comprehensive Guide* (Minneapolis: Fortress Press, 1998); W. Barnes Tatum, *In quest of Jesus* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1999); J. R. Porter, *Jesus Christ: The Jesus of History, the Christ of Faith* (New York: Oxford University Press, 1999); Charles W. Hedrick, *When History and Faith Collide: Studying Jesus* (Peabody, MA: Hendrickson, 1999); N. T. Wright, *The Challenge of Jesus: Rediscovering Who Jesus Was and Is* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999); Stanley E. Porter, *The Criteria for Authenticity in Historical-Jesus Research: Previous Discussion and New Proposals* (Sheffield, England: Sheffield Academic Press, c. 2000); Robert M. Price, *Deconstructing Jesus* (Amherst, NY: Prometheus Books, 2000); Gregory W. Dawes, ed., *The Historical Jesus Quest: Landmarks in the Search for the Jesus of History* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000); Jonathan L. Reed, *Archaeology and the Galilean Jesus: A Re-examination of the Evidence* (Harrisburg, PA: Trinity Press International, c2000); William R. Herzog, *Prophet and Teacher: An*

*O terceiro quest (1980 aos dias de hoje)*

A figura central neste período é o Instituto Wester²⁴, sob a direção de um proeminente e conhecido teólogo neotestamentário, Robert W. Funk²⁵, que junto com John Dominic Crossan²⁶ fundou o primeiro e mais conhecido projeto do Instituto Wester, o *Jesus Seminar*,²⁷

Introduction to the Historical Jesus (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, c2005); N. T. Wright, *The Contemporary Quest for Jesus* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2002); Gerd Theissen, *Jesus Als Historische Gestalt: Beiträge Zur Jesusforschung: Zum 60. Geburtstag Von Gerd Theissen* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003); Peter Walker L., *Jesus and his World* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, c. 2003); Craig A. Evans, ed., *The Historical Jesus* (London; New York: Routledge, 2004), idem., *Fabricating Jesus: How Modern Scholars Distort the Gospels* (Downers Grove, IL: IVP Books, c. 2006); James D. G. Dunn and Scot McKnight, eds., *The Historical Jesus in Recent Research* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2005); Lee Strobel, *The Case for the Real Jesus: A Journalist Investigates Current Attacks on the Identity of Christ* (Grand Rapids, MI: Zondervan, c. 2007); Robert J. Miller, ed., *The Future of the Christian Tradition* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2007); Bernard Brandon Scott, ed., *Jesus Reconsidered* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2007).

²⁴ Instituição educativa, em Santa Rosa, Califórnia, sem fins lucrativos, cuja missão é colaborar na expansão de temas religiosos e comunicar os resultados dos mesmos a todo público. Sua página oficial na web é <http://westarinstitute.org>.

²⁵ Robert W. Funk, falecido em 2005, foi professor, escritor, tradutor e publicou textos religiosos. Serviu como Annual Professor of the American School of Oriental Research em Jerusalem, como Diretor do departamento de religião na Graduate Department of Religion na Vanderbilt University e como Diretor da Westar Institute. Entre seus muitos escritos se destacam os seguintes livros: Robert W. Funk, Roy W. Hoover and the Jesus Seminar, *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus* (New York: Macmillan; Toronto: Maxwell Macmillan Canada; New York: Maxwell Macmillan International, c. 1993); Robert W. Funk, *Honest to Jesus: Jesus for a New Millennium* (San Francisco, CA: Harper, c. 1996); Robert W. Funk and the Jesus Seminar, *The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds* (San Francisco, CA: Harper, 1998); Robert W. Funk and the Jesus Seminar, *The Parables Of Jesus: Red Letter Edition: A Report of The Jesus Seminar* (Sonoma, CA: Polebridge Press, c. 1988); Robert W. Funk and the Jesus Seminar, *The Gospel of Jesus: According to the Jesus Seminar* (Santa Rosa, CA.: Polebridge Press, 1999); Robert W. Funk and the Jesus Seminar, *The Once and Future Jesus* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2000); *The Once and Future Faith* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2001); Robert W. Funk, *A Credible Jesus Fragments of a Vision* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2002).

²⁶ Ademais, presidiu a seção do Jesus histórico da Sociedade Bíblica de Literatura. Escreveu 20 livros sobre o Jesus histórico, dos quais os mais significativos são: John Dominic Crossan, *The Historical Jesus: The Life of a Mediterranean Jewish Peasant* (San Francisco, CA: Harper San Francisco, 1991); idem, *Jesus: A Revolutionary Biography* ([San Francisco, CA]: Harper San Francisco, 1994), idem., *Who Killed Jesus: Exposing The Roots of Anti-Semitism in The Gospel Story of The Death of Jesus* ([San Francisco, CA]: Harper San Francisco, 1996); idem., *The Birth of Christianity: Discovering What Happened in the Years Immediately after the Execution of Jesus* ([San Francisco, CA]: Harper San Francisco, 1998); idem., *The Jesus Controversy: Perspectives in Conflict* (Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1999); idem., *Excavating Jesus: Beneath the Stones, Behind the Texts* ([San Francisco, CA]: Harper San Francisco, 2001); idem., *The Resurrection of Jesus: John Dominic Crossan and N. T. Wright in Dialogue* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2006).



cujos membros se dedicam ao estudo do Novo Testamento. O seminário foi organizado em 1985²⁸ com o propósito de descobrir a autenticidade histórica dos discursos e realizações atribuídos a Jesus. Na visão de Funk, o Jesus histórico permanece oculto sob mitos e lendas cristãs. Portanto, dificilmente pode ser personificado pela figura de Cristo que apresentam os evangelhos e que adoram os cristãos.

O *Jesus Seminar* tem como meta remover esses mitos e lendas para recuperar a figura do Jesus autêntico, o que realmente existiu na história. Nesta tentativa, Funk se propôs a iniciar uma época revolucionária que terminasse com o que considerava um tempo de ignorância. Criticou e atacou as organizações religiosas e seus líderes, por “não permitir que o conhecimento gerado pela mais alta e notável erudição passe através dos pastores e sacerdotes aos leigos famintos”.²⁹ Considera que o *Jesus Seminar* é um meio para convencer aos crentes da figura mitológica de Jesus de modo que sejam ensinados a adorar ao verdadeiro e real Jesus da história.³⁰

Como pareceria evidente, então, o *Jesus Seminar* continua sob tradição e influência filosófica e metodológica do primeiro e segundo *quest*. Contudo, o mais significativo de suas tentativas é que tem estendido ao público em geral problemas e propostas de solução que,

²⁷ Em seu meio destaca-se a influência de expertos da língua inglesa e um papel mais comprometido dos representantes da Igreja Católica. Por exemplo, John P. Meier, *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus* (New York: Doubleday, 1991).

²⁸ O discurso de abertura do seminário por Robert W. Funk, apresentado na primeira reunião de 21-24 de março de 1985 em Berkeley, Califórnia, se encontra em *Forum* 1,1 (1985), ou http://www.westarinstitute.org/Jesus_Seminar/Remarks/remarks.html. Funk começou dizendo: “We are about to embark on a momentous enterprise. We are going to inquire simply, rigorously after the voice of Jesus, after what he really said.

“In this process, we will be asking a question that borders the sacred, that even abuts blasphemy, for many in our society. As a consequence, the course we shall follow may prove hazardous. We may well provoke hostility. But we will set out, in spite of the dangers, because we are professionals and because the issue of Jesus is there to be faced, much as Mt. Everest confronts the team of climbers.”

Forum, o jornal acadêmico do Instituto Westar, publica o conhecimento originado pelas investigações realizadas, incluindo The Jesus Seminar. Publica monografias que informam os debates gerados e os resultados alcançados.

²⁹ Robert Funk, “The Issue of Jesus,” *Forum* 1 (1985): 8.

³⁰ Para ter uma visão do que The Jesus Seminar propõe e o que significa o novo entendimento de Jesus para a Igreja, a fé e o mundo do amanhã, veja Robert W. Funk, ed., *The Once & Future Jesus* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press. 2000).



principalmente, estavam reservados a discussões acadêmicas entre os eruditos neotestamentários.

Com o propósito de descobrir a autenticidade histórica dos ditos e feitos de Jesus o Seminário decidiu que “os limites canônicos são irrelevantes na avaliação crítica das diversas fontes de informação sobre Jesus”,³¹ o que implicou em rejeitar os evangelhos neotestamentários como fontes únicas e confiáveis para descobrir o Jesus histórico.

Resolveu-se então utilizar 1.500 versões de palavras atribuídas a Jesus em documentos dos primeiros três séculos da era cristã, sejam estes materiais canônicos e não canônicos.³² O Seminário estabeleceu o objetivo de avaliar cada uma das 1.500 fontes para determinar o que foi dito e feito por Jesus com o propósito de encontrar o personagem histórico que se explora. Depois de um grande debate, tiveram a ideia de fazer duas coisas.

Primeiro, adotar o voto dos membros do seminário como o caminho mais eficiente para determinar o consenso erudito sobre os ditos e realizações autênticas de Jesus. Para os discursos, se determinaria o grau diferente de valorização, juízo e consenso com um de quatro cores no processo de votação: vermelho, rosa, cinza e preto, significando cada cor um grau diferente de avaliação. O vermelho significava: “sem dúvida alguma, Jesus disse isto, ou alguma coisa parecida com isto”; o rosa: “provavelmente Jesus disse algo similar”; o cinza: “Jesus não disse isso, porém as ideias contidas na frase estão próximas à suas”; e o preto: “Jesus não disse isso; representa a perspectiva ou o conteúdo de uma tradição tardia ou diferente”.³³

Para definir os feitos históricos de Jesus, o vermelho significaria: “a confiabilidade histórica desta informação está virtualmente assegurada. Se apóia em evidência persuasiva”; o rosa: “provavelmente, esta informação é confiável. Corresponde bem com outra evidência verificável”; o cinza: “esta informação é possível, porém não digna de crédito. Carece de evidências”; e o preto: “esta informação é improvável. Não corresponde com evidência

³¹ Funk, *The Five Gospels*, 35.

³² Assim, o evangelho (gnóstico, não canônico) de Tomás, o que se considera uma coleção de ditos de Jesus, se inclui como o quinto evangelho em *The Five Gospels*. Ver <http://www.westarinstitute.org/Polebridge/Title/5Gospels/Intro5G/intro5g.html>.

³³ *Ibid.*, 35-37.



verificável. É em grande parte, ou inteiramente, fictícia”.³⁴ A segunda coisa que o Seminário decidiu foi criar uma versão crítica dos evangelhos para informar ao público em geral os resultados finais alcançados.³⁵

Quais foram as conclusões principais, ou resultados, levantados pelo Seminário sobre os ditos e feitos autênticos de Jesus? Em 1993, o Seminário publicou os resultados das deliberações sobre os ditos autênticos de Jesus na obra *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus*.

Em termos gerais, os resultados do trabalho do Seminário não mostram unanimidade. Muitos ditos equivalentes receberam votos vermelhos de alguns e pretos de outros. Entretanto, o Seminário concluiu que das diversas declarações atribuídas a Jesus nos “cinco evangelhos”, apenas 18% foram consideradas prováveis ditos de Jesus; 82% das expressões restantes representam a perspectiva ou o conteúdo de uma tradução tardia ou diferente e, portanto, não são consideradas palavras de Jesus.

Em 1998 foram publicados os resultados das deliberações sobre os feitos autênticos de Jesus na obra *The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds of Jesus*.

Durante a segunda fase do seminário, de 1991 a 1996, foram examinados 387 informações de 176 acontecimentos em que Jesus foi o ator principal. Dos 176 eventos analisados, somente dez foram considerados como informação histórica virtualmente assegurada (vermelho), tendo como base as evidências concretas e persuasivas. Adicionalmente, 19 foram estimadas como provavelmente confiáveis (rosa), o que soma um total de 29 eventos dos 176 (16% do total).

De acordo com uma síntese do informe,³⁶ se afirma que “por mais de dez anos, o Seminário sobre Jesus investigou e debateu a vida e a morte do Jesus histórico. Têm concluído

³⁴ <http://www.westarinstitute.org/Polebridge/Excerpts/votingacts.html>.

³⁵ Conhece-se esta versão crítica como “the Scholars Version” (SV). De acordo com o prefácio da obra *The Five Gospels*, o propósito desta versão é que os textos dos evangelhos “percam o caráter sagrado” e se faça uma tradução “confiável como uma peça da literatura contemporânea” (xvi) pelo uso “da linguagem original, familiar da rua” (xiv).

³⁶ http://www.westarinstitute.org/Seminars/acts_seminar.html.



que o Jesus da história é muito diferente ao da imagem proveniente do cristianismo tradicional”.³⁷

Segundo algumas conclusões do Seminário,

1. Jesus de Nazaré nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande.
2. O nome de sua mãe foi Maria, e teve um pai humano cujo nome não pode ter sido José.
3. Nasceu em Nazaré, não em Belém.
4. Jesus foi um sábio itinerante que assistiu à mesa de párias da sociedade de seu tempo.
5. Praticou a cura sem o uso de magia e medicina desusadas, reduzindo aflições que agora se consideram psicossomáticas.
6. Não caminhou sobre as águas, não alimentou a multidão com pães nem com peixes, não transformou a água em vinho nem ressuscitou a Lázaro da tumba.
7. Foi preso em Jerusalém e crucificado pelos romanos.
8. Foi executado como rebelde social e não por ser o Filho de Deus.
9. A tumba vazia é uma ficção – Jesus não ressuscitou corporalmente dos mortos.
10. A ideia da ressurreição se origina nas experiências alucinantes de Paulo, Pedro e Maria.
11. Jesus não pretendia ser o Messias, não aspirou ser Deus, não acreditou que sua execução fosse necessária para que os que cressem nele como Senhor e Salvador fossem salvos da condenação eterna.

Logicamente, estas conclusões, somadas a 18% de exatidão histórica para os ditos e a 16% para os feitos de Jesus, parecem impróprias e infundadas para os que creem e aceitam a Bíblia como Palavra de Deus.

Porque o Seminário terminou com tantos votos cinza e pretos em relação aos ditos e feitos atribuídos a Jesus? A razão, para que o Seminário colorisse 82% dos ditos e 84% dos feitos com cinza e preto, deve-se, segundo os avaliadores críticos, à própria natureza dos evangelhos.

³⁷ <http://www.westarinstitute.org/Polebridge/acts.html>.



Eles teorizam que os evangelhos foram escritos por autores de uma terceira geração tendo como base as memórias populares preservadas nas histórias que haviam circulado de boca em boca por décadas, formuladas, reformuladas, aumentadas e editadas muitas vezes e de diversas maneiras, antes de encontrar seu formato escrito final.

Pelo visto até aqui, os estudiosos interessados no Jesus histórico, argumentando os interesses não históricos dos escritores evangélicos e a distância em tempo, linguagem e perspectiva entre eles e Jesus, abraçaram um total ceticismo. Confiados na rigorosidade de suas próprias pressuposições e critérios metodológicos, abandonaram toda esperança de encontrar ao Jesus da história. Concluíram que a partir das descrições evangélicas não é possível reconstruir “o que realmente aconteceu” durante o ministério de Jesus.³⁸

Não é meu propósito fazer uma análise crítica das pressuposições, metodologia e resultados alcançados nesta busca pelo Jesus da história, o que já foi realizado eficientemente por outros.³⁹ Mas desejaria sugerir minhas razões para crer no “Jesus histórico”, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos, o Jesus bíblico, o Jesus que realmente existiu na história.

³⁸ Há os que, contudo, do contexto histórico de Jesus em paralelo com as descrições evangélicas, parecem estabelecer com razoável segurança o que possivelmente sucedeu, o que provavelmente sucedeu e o que possivelmente não pode ter sucedido no ministério de Jesus. Ver Paula Fredriksen, *From Jesus to Christ. The Origins of the New Testament Images of Jesus* (New Haven and London: Yale University Press, 1988).

³⁹ Como exemplo, ver as seguintes respostas ao the Jesus Seminar: William Lane Craig, “The Historicity of the Empty Tomb of Jesus”, *NTS* 31 (1985): 39-67; idem., “Contemporary Scholarship and the Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ,” *Truth* 1 (1985): 89-95; idem., “The Problem of Miracles: A Historical and Philosophical Perspective”, en *Gospel Perspectives* VI, 9-40 (ed. David Wenham e Craig Blomberg; Sheffield, England: JSOT Press, 1986); idem., “Rediscovering the Historical Jesus: The Presuppositions and Presumptions of the Jesus Seminar”, *Faith and Mission* 15 (1998): 3-15; idem., “Rediscovering the Historical Jesus: The Evidence for Jesus”, *Faith and Mission* 15 (1998): 16-26; James D. G. Dunn, *The Evidence for Jesus* (Philadelphia, PA: Westminster, 1985); R. T. France, ed., *The Evidence for Jesus* (Downer Grove, IL: InterVarsity, 1986); N. T. Wright, *Who Was Jesus?* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993); idem., *The Contemporary Quest for Jesus*; idem., *The Challenge of Jesus*; D. A. Carson, “Five Gospels, No Christ,” *Christianity Today* 38 (1994): 30-33; Gregory A. Boyd, *Cynic, Sage or Son of God? Recovering the Real Jesus in an Age of Revisionist Replies* (Wheaton, IL: Victor Books, 1995); William F. Buckley, Jr., et. al., *Will the Real Jesus Please Stand Up! The Jesus Seminar's Dr. John Dominic Crossan vs. Dr. William Lane Craig* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1998); Michael J. Wilkins, J. P. Moreland, eds., *Jesus Under Fire* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995); Gregory A. Boyd, *Cynic Sage or Son of God?* (Wheaton: Victor, 1995); Douglas Groothuis, *Searching for the Real Jesus in an Age of Controversy* (Eugene, OR: Harvest House, 1996); Michael J. Wilkins, James P. Moreland, editors, *Jesus Under Fire: Modern Scholarship Reinvents the Historical Jesus* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996); Paul Barnett, *The Truth About Jesus* (Sydney South, Australia: Aquila, 1994); Ben Witherington III, *The Jesus Quest: The Third Search for the Jew of Nazareth* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1995), 42-43; James R. Edwards,



Eu acredito no Jesus histórico, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos

1. Eu acredito no Jesus histórico, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos porque a veracidade histórica dos registros evangélicos não tem sido debatida ao longo dos séculos de interpretação.

Foi a partir do século 17, com o filósofo judeu Baruch Spinoza (1633-1677), que começou o ataque contra a veracidade histórica dos autores evangélicos. No século 18 se fez mais violento com Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784) e especialmente Reimarus, com sua teoria infundada de fraude. O *quest* pelo Jesus histórico – desde Reimarus até o Jesus Seminar, no presente – está fundado em pressuposições filosóficas deístas, naturalistas, céticas, cujas premissas são improváveis e seus procedimentos metodológicos questionáveis e alienados da real evidência histórica. Tudo resulta em um Jesus muito diferente do que realmente existiu. O *quest* não pode fundamentar a suposta separação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé nem consegue provar o hipotético caráter não histórico dos evangelhos. Não conta mais que com o consenso de uns poucos envolvidos no *quest* que traz em questão a mesma autenticidade e validade dos evangelhos, o que impacta, obviamente, no objeto essencial da credibilidade e proclamação cristã.

2. Eu acredito no Jesus histórico, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos porque existem fontes extrabíblicas, não cristãs, que apresentam evidências adicionais de sua existência real e histórica, confirmando a veracidade e a credibilidade do relato dos evangelhos.⁴⁰

3. Eu acredito no Jesus histórico, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos, porque estes possuem valor histórico. Pertencem ao gênero histórico. Seus registros, mesmo não sendo “textos modernos” de história, certamente, apresentam o Jesus real, a figura histórica que o NT diz que existiu. Entre as diversas formas literárias que caracterizam os evangelhos,

“Who Do Scholars Say That I Am?” *Christianity Today* 40.3 (1996): 14-20; Porter, *The Criteria for Authenticity in Historical-Jesus Research*; Price, *Deconstructing Jesus*; Evans, *The Historical Jesus*; idem., *Fabricating Jesus*; Dunn e McKnight, *The Historical Jesus*; Strobel, *The Case for the Real Jesus*; <http://virtualreligion.net/forum/reaction.html>.

⁴⁰ Ver os estudos de F. F. Bruce, *Jesus & Christian Origins Outside the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974); Scot McKnight, *A New Vision for Israel: The Teaching of Jesus in National Context* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, c. 1999); Robert E. Van Voorst, *Jesus Outside The New Testament: An Introduction to the Ancient Evidence* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000).



algumas não são históricas em si mesmas, como as parábolas⁴¹ de estilo metafórico e ilustrativo por analogia, mas hinos, sermões, etc. Outras formas, ao contrário, e sobre tudo o conjunto, usam estilo de redação descritiva com sentido histórico intencional, usual: *Jesus foi, fez, disse, saiu, entrou, orou, comeu*, proporcionando-se informações topográficas e cronológicas que concordam com dados históricos topográficos e cronológicos que harmonizam com dados históricos e arqueológicos de outras fontes. A sobriedade, simplicidade, objetividade, franqueza e espontaneidade que resultam tanto ao descobrir feitos sublimes como fraquezas, reforçam o argumento. Se os comparássemos com os apócrifos cheios de relatos fantásticos, o fato distingue-se rapidamente. Com efeito, não existe nos quatro evangelhos canônicos nada de invenções ridículas e fantásticas.

Porém, se bem que o relato responde ao gênero histórico, não poderia ser ficção, mito ou lenda histórica? É necessário destacar que nenhuma parte dos evangelhos deixa entender que sua narração seja fictícia. Lucas, por exemplo, faz referência a fatos que realmente aconteceram, nas palavras a Teófilo:

Lc 1:1-4 – “¹Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada de fatos que entre nós se realizaram, ²conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, ³igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, ⁴para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído”.

É necessário recordar que os evangelhos canônicos não registram exatamente as mesmas palavras e os mesmos feitos originais de Jesus nos próprios contextos históricos em que estes se originaram, nem sequer registram a forma na qual estas palavras e estes feitos foram transmitidos. A forma escrita dos ditos e dos feitos de Jesus que dão os evangelhos hoje é a forma que o Espírito Santo inspirou. Tal fenômeno é o que garante a exatidão histórica dos fatos registrados. Portanto, o conteúdo da inspiração que se tem registrado em forma escrita mantém concordância com as palavras e os feitos de Jesus.

⁴¹ Nos evangelhos as parábolas constituem uma evidencia significativa dos ditos e ensinamentos registrados de Jesus. Em geral, os eruditos as consideram entre as elocuições que poderiam ser declarações atribuídas ao Jesus histórico.



Por exemplo, atente para as seguintes palavras-ações de Jesus registradas no evangelho:

Mt 16:13-16 ¹³E, chegando Jesus às partes de Cesárea de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? ¹⁴E eles disseram: Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas. ¹⁵Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? ¹⁶E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Segundo este relato, os discípulos conheciam a um Jesus real, histórico, como os homens de seu tempo, os quais o relacionaram com indivíduos reais como João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos profetas. Os 12 aceitaram seu convite para o ministério. Foram instruídos por ele. Viajaram e trabalharam com Ele; conheceram ao Jesus histórico, o Cristo da fé.

Este Cristo, da confissão de Pedro, é o Jesus histórico dos evangelhos, o “Emanuel” da escritura profética (Is 7:14) antecipado a José (Mt 1:23); o “Jesus” anunciado pelo anjo Gabriel à bem-aventurada virgem Maria em Nazaré (Lc 1:26-37); “Cristo, o Senhor” informado pelos anjos aos pastores que velavam e guardavam seus rebanhos sobre as colinas de Belém (Lc 2:8-11); de que Paulo ouviu e escreveu, dizendo: “São israelitas...deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo segundo a carne” (Rm 9:4-5); “da linhagem de Davi” (Rm 1:3; 2Tm 2:8); “nascido de mulher, nascido sob a lei”(Gl 4:4); na “figura humana” (Fl 2:7); “em semelhança de carne pecaminosa” (Rm 8:3); “Cristo Jesus, o homem” (Rm 5:15; 1Tm 2:5); o qual “a si mesmo se humilhou”(Fl 2:8); se “fez pobre” (2Co 8:9); “mansidão e benignidade de Cristo” (2Co 10:1); “foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais” (Rm 15:8); “foi crucificado em fraqueza” (2Co 13:4); “foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia” (1Co 15:4); porque “Deus (...) ressuscitou Cristo” (1Co 15:15; Gl 1:1; Ef 1:17-20), “fazendo-o sentar-se à sua direita nos lugares celestiais”(Ef 1:20).

Este Jesus histórico é o “Cristo” que “morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1Co 15:3). O fato de que Jesus morreu é um acontecimento que deve ser verificado por investigação histórica. Porém, a informação que sua morte foi “pelos nossos pecados segundo as Escrituras” é uma interpretação inspirada que deve ser entendida pela fé,



tendo o molde da Escritura como Palavra de Deus, o que é próprio das pressuposições bíblicas.

Portanto, muitos dos eventos históricos revelados nos evangelhos chegam a ser recursos literários para ensinar verdades teológicas profundas. Assim, a história de Jesus, suas palavras e atos, se convertem em teologia. Os evangelhos foram escritos para serem lidos como teologia tanto como história. O evento “Cristo” é uma revelação do Espírito, é teologia; e é história, uma realidade histórica.

4. Eu acredito no Jesus histórico, o Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos porque é uma realidade revelada e histórica e quanto mais o estudamos em seu contexto histórico, literário e teológico, mais encontramos motivação teológica e credibilidade histórica.

Conclusão

Desde o início do século XVIII os estudiosos do Jesus histórico têm questionado a veracidade do relato evangélico, seus milagres, suas profecias e o extraordinário papel e função de Cristo nos Evangelhos. Iniciou-se uma diferenciação e separação radical, mesmo que supostamente, entre o “Jesus da história” e o “Cristo da fé”. Aceitou-se que um homem chamado Jesus realmente existiu. Contudo, inventaram-se mitos e tradições fantásticas sobre sua pessoa, chegando a ser para muitos, o “Cristo da fé” em fábulas, símbolos e adoração.

O resultado, finalmente, levou estes poucos que sustentavam esta posição a um total ceticismo. Confiados em suas pressuposições e métodos, abandonaram todo intento e toda esperança de encontrar ao Jesus da história.

São mais, hoje, os que expõem as mesmas perguntas: como conhecer ao Jesus que realmente existiu? É possível conhecer ao Jesus da história? Quais são as fontes para conhecer o Jesus histórico? Os evangelhos são historicamente confiáveis?

É possível conhecer ao Jesus da história para os que abandonam toda filosofia e pressuposição cética. Pode-se encontrar ao Jesus histórico a partir do Cristo da fé, o Jesus dos evangelhos, da revelação bíblica. Não é possível conhecer ao Jesus da história independentemente do Cristo da fé.



Teologia e história se combinam, a revelação e o evento histórico se completam no processo de conhecer ao Jesus histórico. Por isso, afirmo acreditar naquele que foi real, que existiu; pois Ele é o Cristo da fé, é o Jesus dos evangelhos.